



CERES, 50 ANOS
CONSTRUINDO UMA HISTÓRIA DE
EXCELÊNCIA PELA EDUCAÇÃO E
INCLUSÃO NO SERIDÓ.

CERES | UFRN
Centro de Ensino Superior do Seridó

Fernão Cardim e a descrição dos sertões coloniais: cultura escrita e construção de narrativas acerca da experiência da conquista.

Jhonata Willyan de Figueiredo Santos (UFRN)

willyan.santos.136@ufrn.edu.br

Ane Luise da Silva Mecenass Santos (UFRN)

ane.mecenas@ufrn.br

INTRODUÇÃO

Com a vinda dos europeus para o continente americano, entre o final do século XV e início do XVI, provocou-se uma grande preocupação sobre a dimensão global e compreensão das múltiplas culturas até então “desconhecidas”. Dentre a multiplicidade dos motivos que levaram esses viajantes a explorarem essas regiões, já habitada há séculos, se destacam os projetos religiosos de convenção e a busca por riquezas, na maioria das vezes das vezes conduzidos pelas ordens da coroa, que destinavam esses expedicionários ao Novo Mundo.

Esse movimento intensificou a produção de relatos, uma vez que havia a necessidade de escrutinar todas as novidades que o contato proporcionou, assim, as veiculando para a Europa. A construção do que viria a ser dito nos dias de hoje como América, parte da formação dessa narrativa escrita da conquista do território, não se limita apenas pelo poder, mas também, como Michel de Certeau bem pontua em seu livro *A escrita da história*, pela escrita conquistadora. O poder da escrita dos cronistas expedicionários moldou o entendimento do continente americano, onde o conquistador, em suas palavras, formam aquilo que é compreendido enquanto verdade sobre as populações já existentes no espaço territorial geográfico, sustentando os relatos atendendo as ideias do Velho Mundo, de maneira que no discurso de colonização, as informações colhidas e perpassadas estão diretamente ligadas com suas demandas econômicas e políticas.

Os relatos de suas expedições, a partir de suas produções escritas, sejam eles em cartas, livros ou anotações, expressam suas descrições dos indígenas nativos, criando os mais variados estereótipos, noticiados e consumidos pelos letrados europeus, que modificam-se ao modo em que cada viajante possuía suas próprias convicções e intuição nos seus relatos, compartilhando de uma perspectiva eurocêntrica ao tentarem exemplificar, em um comparativo cultural, os aspectos dos povos com quem tiveram contato.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para tanto, utiliza-se como fonte o opúsculo *Do princípio a origem dos índios do Brasil e de suas costumes* escrito pelo padre jesuíta Fernão Cardim por volta de 1584, durante sua vinda ao Brasil, numa transcrição feita por Ferreira de Araújo para exposição de História e Geografia do Brasil, organizado pela Biblioteca Nacional, a partir da obra original incluída na coleção de Purchas, contida na biblioteca de Évora em Portugal. Seus escritos fazem parte do mesmo grupo de produção literária de viajantes, colonos e religiosos, onde, no contexto no qual se



**CERES, 50 ANOS
CONSTRUINDO UMA HISTÓRIA DE
EXCELÊNCIA PELA EDUCAÇÃO E
INCLUSÃO NO SERIDÓ.**

CERES | UERN
Centro de Ensino Superior do Seridó

encontravam, relatam suas descobertas e explorações no mundo ainda intocado pelas mãos dos colonizadores, descrevendo no intuito de informar seus superiores e coroa. Lendo a obra de Cardim, narrando suas experiências de contato, é possível construir, mentalmente, a imagem daquele a qual ele vem a referenciar, trazendo aspectos que vão desde os ritualísticos, cerimoniais à atos comuns do dia a dia e de suas características, ao mesmo passo que os referenciais europeus são utilizados na ideia de comparação e reforço de costumes comuns nos quais, ao ver do próprio, com a imposição da ideia de valores advindas do antigo mundo, de maneira em que esse procedimento não aplica as mesmas condições de juízo de valor nas diferentes realidades dos dois mundos, com o intuito de não desvalorizar o mundo do qual vinha, o velho, assim, usando do recurso da comparação possibilitando a conexão de um universo ao outro.

RESULTADOS

A partir da pesquisa, foi possível evidenciar, que, o poder de dominação e controle, a partir da imposição dos colonizadores, seja pela violência física ou pelos escritos históricos, onde, o etnocentrismo prevalece perdurando estigmas e estereótipos, que se enraizaram dentro da sociedade brasileira, observados em ações, atitudes e os espaço de ocupação desses povos dentro da sociedade atual, são uma herança diretamente ligadas a essa narrativa, na qual, intencionalmente ou não, é preconceituosa na forma de pensar os povos originários do Brasil. Muitos dos estereótipos enraizados estruturalmente na nossa sociedade fazem parte desse processo, como a ideia de passividade por parte dos indígenas, ou a desvalorização cultural de tradições, causando um apagamento histórico da existência desses povos. Dito isso, o estudo do opúsculo ajuda a desestruturar essas amarras coloniais e firmar novos horizontes, trabalhando a desestigmatização, abolindo essa percepção negativa imposta aos indígenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ponto de que temos uma crítica a forma com que essa produções escritas foram umas das principais maneiras de imposição cultural, é fundamental ressaltarmos a sua importância para a historiografia, pois, continua a ser uma valiosa fonte para os estudos do processo de colonização portuguesa no Brasil, devido a escassez de produções escritas naquele período, ao passo em que, parte de uma nova interpretação e sentido que damos a esses textos e crônicas quinhentistas. O papel do historiador se destaca em ir além do que está escrito, em uma perspectiva crítica ao se aprofundar sobre, quem, como e em qual contexto o material foi produzido, assim, podendo se desvencilhar de amarras estigmatizadas que essas produções carregam. Deste modo, se é possível reinterpretar, abrindo espaço para novas discussões e contribuições para o conhecimento da historiografia brasileira.

PALAVRAS-CHAVE:

Viajante; indígena; jesuíta; escrita; etnocentrismo.



CERES, 50 ANOS
CONSTRUINDO UMA HISTÓRIA DE
EXCELÊNCIA PELA EDUCAÇÃO E
INCLUSÃO NO SERIDÓ.

CERES | UERN
Centro de Ensino Superior do Seridó

AGRADECIMENTOS:

Expresso aqui a minha mais profunda gratidão à minha orientadora e professora Ane Luise da Silva Mecenas Santos, por todo o apoio e auxílio que demonstrado ao longo da minha jornada na pesquisa. Sua influência foi fundamental para o meu crescimento pessoal e acadêmico. Me instigou a desenvolver e a perceber a importância da curiosidade intelectual, da paciência e da perseverança na construção do material, e essas lições moldaram minha abordagem em relação ao aprendizado e à descoberta. Além disso, sua disponibilidade para discussões e reuniões, mesmo em momentos em que sua agenda estava ocupada, demonstra o seu comprometimento genuíno com o meu sucesso. Suas críticas construtivas e sugestões sempre me desafiaram a melhorar e aprimorar meu trabalho, dito isso, seu comprometimento, expertise e apoio foram cruciais para o meu crescimento acadêmico.

Referências (NBR 6023)

CARDIM, Fernão. **Do princípio a origem dos índios do Brasil e de seus constantes**. Tradução: Ferreira de Araujo. Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 1881.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro. Do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun**. 1ª reimpressão. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Editora UNESP, 1998.

CURTO, Diogo Ramada. Para a História dos livreiros e impressores em Portugal: Notas a propósito da Oficina de Plantin. In: STOLS, Werner Thomas, KANTOS, Iris; FURTADO, Júnia (org.). **Um mundo sobre papel: livros, gravuras e impressos flamengos nos Impérios português e espanhol (séculos XVI-XVIII)**. São Paulo, Belo Horizonte: Editora da USP, Editora da UFMG, 2014, p. 151-174.

TODOROV, Tzvetan. Viajantes e indígenas. In: GARIN, Eugenio. **O homem renascentista**. Lisboa: Editorial Presença, 1991. p. 229-248